**Estudos “altamente promissores”:** reflexões sobre o uso e a permanência do discurso sobre a de Hidroxicloroquina, Ivermectina e Proxalutamida na pandemia de COVID-19 no Brasil[[1]](#footnote-1)

Autora: Ana Paula Pimentel Jacob

UnB/DF

**Resumo**: Com a emergência da declaração de uma pandemia, há diversos movimentos que interseccionam a política, saúde e ciência. Esses são expressos por meio de depoimentos públicos, fragmentos de publicações científicas e protocolos que buscam respostas e formas de lidar com a pandemia. Neste trabalho, o objetivo está em refletir a partir de uma etnografia de documentos feita por meio de artigos de jornais (majoritariamente a Folha de São Paulo, CNN Brasil e Piauí), declarações públicas de agentes estatais, documentos oficiais (notas técnicas, protocolos do ministério da saúde, dentre outros) publicadas desde 2020 até maio de 2022 e que mostram como as medicações presentes no conhecido Kit Covid passam constantemente por órgãos de aval técnico (Comissão Nacional de Incorporação de Tecnologias no Sus - CONITEC, Agência de Vigilância Sanitária – ANVISA) e permanecem em uso. As medicações não tem comprovação científica (CASTRO, 2021), mas apresentam um status de estudos “promissores”. Por isso, a frase que leva o título deste trabalho foi retirada de uma expressão dentro de uma Nota Técnica nº 2/2022 publicada em janeiro de 2022 pelo Ministério da Saúde e pela Secretaria de Ciência, Tecnologia, Inovação e Insumos Estratégicos em Saúde, que se referia ao tratamento de Hidroxicloroquina para COVID-19. Ela mostra o quanto o status de promessa dessas medicações consegue fazer com que elas ultrapassem normas, protocolos e se tornem automaticamente parte deles, ainda com críticas e questionamentos sobre os estudos que indicam o uso desse tratamento para o COVID-19. Nesse sentido, percebemos que os medicamentos fazem percursos, trajetórias tais como: políticos propagandeando o seu uso; estudos questionados sobre a sua metodologia; desenho de políticas públicas para esses medicamentos com pressa para avaliar ou chancelar os medicamentos. Por isso, fez-se um recorte de três medicações (CASTRO, 2018) (WHYTE E GEEST, 2011) neste estudo para conseguir alcançar entre as substâncias que aparecem mais popularmente no discurso de políticos, a mais vendida e uma menos conhecida, mas com grande repercussão no tratamento de COVID: Hidroxicloroquina, Ivermectina e Proxalutamida, respectivamente.

Palavras-chave: antropologia; medicamentos; kit-covid; tratamento precoce; neoliberalismo.

As imagens de um representante político segurando em suas mãos uma caixa de remédios (inserir ref.), um vídeo publicado em uma rede social manuseando o mesmo medicamento pelo mesmo representante político (inserir ref.), e até mesmo uma propaganda do candidato a presidência da república em 2022 disse que a grande mídia desestimulou os médicos a fazerem o tratamento precoce (inserir ref. JN essa semana) mostra o quanto a propaganda de remédios no Brasil é vista. Não se trata somente de uma promessa de um cuidado, trata-se de uma propaganda política, de um mercado específico que lucra diretamente com as vendas desses medicamentos. Através desses meios políticos e por diversas articulações com agentes estatais, pesquisadores e indústria farmacêutica que essas relações emergem e articulam entre si. Essas por vezes fazem parte de projetos de seus governos, de formas neoliberais de administrar a máquina pública que muitos se autorizam a propagandear e recomendar o uso de medicamentos. No entanto, como toda política pública essas ações afetam a vida das pessoas e por meio dessa lógica percebemos que algumas vidas são mais preservadas e outras menos.

Essas situações, como as descritas acima são claramente a menção ao Presidente da República do Brasil, que por vias diretas e indiretas conseguiu promover a utilização de medicamentos compreendidos no até então “kit-covid” ou “tratamento precoce”. Esses medicamentos tiveram seu suporte em diversas dimensões, desde instituições públicas, como o próprio Ministério da Saúde até um vasto corpo científico, que continuamente vocalizava suas publicações em artigos de revistas científicas que permitiam fazer pesquisas nesses medicamentos e como eles poderiam tratar uma doença que assolou o mundo.

A presente pesquisa é uma parte do que será formulado dentro da minha tese. Pretendo com este trabalho fazer uma elaboração inicial de uma genealogia[[2]](#footnote-2) dos medicamentos entendidos dentro do “tratamento precoce”.

A ideia é de que essa seja apenas uma parte inicial da minha tese, que rendeu parte do meu projeto que qualifiquei em julho de 2022 e que darei continuidade na pesquisa, agora em uma nova fase, para além dos documentos e, portanto, realizando entrevistas com as pessoas que fizeram pesquisas com os medicamentos compreendidos nesse bloco de medicamentos.

No entanto, o que apresento neste trabalho é uma síntese das reflexões nos últimos 2 anos sobre três medicamentos em específico dentro da proposta de tratamento de COVID-19: Hidroxicloroquina ou cloroquina – HCQ, Ivermectina – IVT e Proxalutamida PXA. Fiz um trabalho de análise de documentos oficiais (lançados pelo governo com o objetivo de chancelar os medicamentos precoces), pronunciamentos públicos divulgados nas mídias e notícias de jornais que ajudam a tracejar e compreender melhor sobre como medicamentos conhecidos como precoce continuam em debate após dois anos e meio de pandemia e de uma grande sequência de questionamentos sobre a sua eficácia no tratamento de COVID-19.

Inspiro-me nesta parte de realizar um trabalho documental em Caetano (2021) e Vianna (2014), embora ambas autoras tenham realizado suas pesquisas em locais diferentes: Caetano (2021) estudando procedimentos regulatórios e científicos da Cannabis e Vianna (2014) etnografando documentos judiciais, ambas me ajudaram a refletir sobre como analisar, observar e refletir a partir de documentos. A partir de agentes, pessoas que se diluem em documentos, artefatos que estão nas entrelinhas das coisas que não são ditas nesses espaços. O esforço aqui está em organizar tantas informações publicadas durante a pandemia, que ainda nos atravessa, e como trabalhar com uma forma de lidar com tais informações a partir da antropologia da saúde e ciência. Tal análise é essencial, porque nós antropólogas muitas vezes nos ocupamos de trabalhos em campo e contextos mais óbvios como os que já estive antes, por exemplo dentro de um hospital, por exemplo. Foi importante retirar-me deste contexto inclusive para refletir sobre a quantidade de materiais que possuímos e que são construídos e elaborados com propósitos distintos e a partir de documentos oficiais que tanto nos falam sobre a organização política e a forma de lidar com a pandemia neste país.

Neste trabalho também me inspiro em uma antropologia a partir dos medicamentos, utilizo majoritariamente autores como Van der Geest (2011) para pensar e refletir sobre o conceito de medicamento e as reflexões sobre o seu papel social. Também faço referências a autores como Castro (2012; 2020; 2021) com quem tenho buscado diálogo sobre o uso de medicamentos precoces dentro do contexto de pandemia. Fleischer (2022) Fleischer, Freitas (2021) ajudam a refletir sobre a pandemia e fazer pesquisa dentro desses momentos de efervescência da ciência e saúde. Por fim, também tenho me aproximado cada vez mais dos trabalhos de Azize (2010), para refletir também sobre como os medicamentos ganham forma comercial e prescritiva entre profissionais de saúde dentro de debates biomédicos.

Apresentei assim, os objetivos deste estudo, de onde ele parte e para que lugares ainda caminharei com esta pesquisa em curso. Mostrei também os referenciais teóricos que me inspiraram a escrever este trabalho e sigo na próxima seção com uma reflexão sobre a metodologia que utilizei e como fiz as análises deste trabalho, em outras palavras a genealogia do medicamento.

**Uma antropologia a partir dos medicamentos e a partir de noticiários: estratégias metodológicas**

A pesquisa teve como base 3 jornais de circulação local, nacional e internacional. Eles foram escolhidos por obedecerem a alguns critérios selecionados previamente, que variam desde alcance da leitura reconhecida até pela facilidade de fazer uma leitura integral dos artigos com um custo viável para mim, enquanto pesquisadora e doutoranda de pós graduação. Além disso, os websites dos jornais escolhidos também me permitiam usar uma ferramenta de busca a qual eu utilizava palavras chave como o nome dos medicamentos e o próprio website fazia uma seleção das manchetes e notícias que citavam o nome desses medicamentos. Escolher jornais com diferentes alcances em termos regionais, me permitiu perceber quais são as pautas que podem e ganham relevância nos jornais e ter a variedade de diferentes perspectivas me permitiu observar a relevância de alguns acontecimentos que ora se repetiam em matérias muito similares e ora se complementavam com informações diferentes e novas.

Os jornais selecionados foram: CNN Brasil (alcance internacional), Folha de São Paulo (alcance nacional), Piauí (alcance nacional) e Matinal (noticiário de Porto Alegre, de alcance regional). O jornal Matinal foi escolhido, porque foi o jornal em que mais vi notícias sobre o medicamento Proxalutamida que foi muito menos noticiado em jornais de grande porte, mas que teve e tem uma reverberação importante durante o período da pandemia, cuja pesquisa foi interrompida pelo próprio Conselho Nacional de Saúde devido a diversas falhas éticas que o estudo passou (uma delas incluindo um grande número de pessoas que faleceram durante o estudo, 213 no total; a pesquisa começou antes da autorização do Comitê de ética – CEP responsável e ocorreu em localidades diferentes das previstas no projeto) (CNS, 2021).

No total foram lidas mais de 3020 notícias. De todos os medicamentos o que mais se destacou em termos de volume de notícias foi a HCQ, que contou com: 1394 notícias na Folha de São Paulo, 810 no CNN e 40 notícias no Matinal. Já para a IVT, foram 529 notícias na Folha de São Paulo, 240 na CNN e 20 notícias no Matinal.

O volume de notícias entre HCQ, IVT e PXA é muito diferente. HCQ, durante a pesquisa, por exemplo teve um total de 1394 notícias analisadas no website do jornal Folha de São Paulo, na CNN foram 810 notícias diferentes contendo essa palavra-chave. Já para IVT, foram 529 na Folha de São Paulo e 240 na CNN e por fim a PXA, a menos noticiada de todas, contou com 27 notícias na Folha de São Paulo e 20 na CNN, além disso, a última notícia registrada de PXA adveio de um jornal gaúcho chamado “Matinal” e foi escolhido, por apresentar uma nota mais recente do medicamento que raramente foi noticiado em jornais maiores e não regionais. Portanto, as tabelas acima são resultado de uma seleção de 3020 notícias lidas e tabuladas para que fossem mostradas e também levando em consideração a relevância delas para o presente estudo contribuindo assim para adicionar reflexões para os estudos da antropologia a partir dos medicamentos.

Como me deparei com um grande volume de notícias, foi preciso elaborar critérios para que pudesse me organizar dentro dos eventos que mais poderiam chamar a atenção. Sendo assim, muitas notícias poderiam se repetir de jornal para jornal, então criei um sistema interno, uma pasta salvando todos os artigos e separando-os em diferentes jornais, sendo o título dos arquivos contendo os artigos as próprias manchetes publicadas nesses veículos de comunicação. Assim eu podia visualizar e rapidamente associar as matérias repetidas, principalmente porque elas seguiam uma ordem cronológica que me ajudou a organizar melhor algumas ideias e a sequência delas, embora nem sempre a sequência obedece a alguma lógica dos fatos. Além disso, tiveram muitas notícias em que a grande parte delas o foco não era em si o tratamento precoce, então fui rapidamente tirando de cena aquelas matérias em que apenas as palavras chaves eram citadas como uma referência, como por exemplo: “o pesquisador tal, defensor da cloroquina” e seguiam-se outras informações em que o medicamento precoce em si não era uma pauta. E por fim depois desses filtros cheguei em notícias que explicavam, mostravam e apresentavam fatos diferentes sobre os medicamentos investigados. Dessa forma, comecei a tracejar os caminhos que esses medicamentos fizeram, quem falava deles, como se falava, que documentos oficiais e estatais favam aval ao seu uso e de que formam foram fabricados, distribuídos e pesquisados. Essa foi a ordem dos fatores relevantes de cada um desses elementos.

Inicialmente fiz uma tabela para cada um dos remédios analisados, mas para esse trabalho fiz uma síntese dos três medicamentos em uma tabela apenas para visualizar melhor o panorama geral desses medicamentos. Com isso, pude fazer mais uma síntese dessas informações a partir de pontos em específico que já me chamaram a atenção e que tem uma base melhor para serem analisados segundo o referencial teórico apresentado neste trabalho.

Desse modo, na próxima seção apresentarei a análise das notícias com as articulações teóricas que fiz, partindo do esforço sintético dessas informações que foram apresentadas nesta seção mais metodológica deste trabalho.

# Genealogia da Hidroxicloroquina/cloroquina, Ivermectina e Proxalutamida

Neste momento apresentarei referências, pronunciamentos públicos, conteúdos divulgados nas mídias que tiveram alguma repercussão e também em revistas científicas para compreendermos melhor o caminho percorrido dessas substâncias. Isso pode nos ajudar também a compreender como as controvérsias dessa promessa por um tratamento também passam por agentes, interesses de agentes e se tornam políticas públicas. Acompanhar os noticiários foi uma estratégia para entender mais sobre os medicamentos, uma vez que esses não apareceriam no meu dia a dia se não fosse por esse meio midiático. Além disso, foi por sugestão de minha orientadora que começasse a pesquisa por este meio, uma vez que em pleno isolamento da pandemia essa seria uma forma de me aproximar do tema de modo cotidiano e também com o objetivo metodológico de buscar mais informações sobre esse tema. Nesse sentido, as notícias funcionam como marcadores importantes para organizar melhor todas as controvérsias (BLANCO, KOCH, PRATES, 2021) em torno do *tratamento precoce*. A cronologia não é somente um marco meramente temporal, mas ela é importante para constatarmos o quanto as agências se contradizem, afirmam coisas e pouco tempo depois publicam notas oficiais ou documentos com pontos contrários aos afirmados antes e muito disso se deve às pessoas que estão em constante alteração em postos, cargos importantes nessa discussão. Por isso escolhi a cronologia como estratégica metodológica para organizar as notícias que pesquisei.

Começo pela Hidroxicloroquina:

Hidroxicloroquina é utilizada para o tratamento de: Afecções reumáticas e dermatológicas; Artrite reumatoide; Artrite reumatoide juvenil; Lúpus eritematoso sistêmico; Lúpus eritematoso discoide; Condições dermatológicas provocadas ou agravadas pela luz solar. Tratamento das crises agudas e tratamento supressivo de malária por Plasmodium vivax, P. ovale, P. malariae e cepas sensíveis de P. falciparum. Tratamento radical da malária provocada por cepas sensíveis de P. falciparum. A Hidroxicloroquina não é eficaz contra cepas de Plasmodium falciparum resistentes à cloroquina, e também não é ativa contra as formas exo-eritrocíticas de P. vivax, P. ovale e P. malariae. Consequentemente, Hidroxicloroquina não previne a infecção por esses plasmódios, nem as recaídas da doença.

(MEDLEY, NÃO PAGINADO)

Esse medicamento é utilizado desde 1934 com essas funções acima descritas. Em 2003 teve uma pesquisa (CARMICHAEL, CHARLES e TETT, 2003) que estudou o efeito do uso desse medicamento em síndromes respiratórias agudas (SARS). O surto de SARS na China foi apenas um ano antes desse estudo que focou no uso desse medicamento *in vitro*. Segundo o infectologista José David Urbaéz Brito, membro da Sociedade Brasileira de Infectologia em entrevista para a matéria da UOL (PREITE SOBRINHO, DE ANDRADE, 2020) essa testagem consiste em isolar a substância numa placa de vidro, no caso o remédio, na estrutura celular do vírus que quer checar o efeito da substância. Essa é uma primeira fase de inúmeras outras para transformar a indicação de um medicamento para um determinado adoecimento e segundo o infectologista um resultado positivo de pesquisa de um medicamento *in vitro* é muito comum.

Nesse sentido, os dois pontos marcantes dessa cronologia da hidroxicloroquina é importante aqui, porque: 1) É um medicamento utilizado há mais de 80 anos; 2) Já houve pesquisas anteriores *in vitro* sobre o uso do medicamento, mas nenhuma delas (ROSA et al, 2021) a substância não foi considerada eficaz para o tratamento da COVID-19.

Já a IVT pode ser compreendida como:

A ivermectina é um medicamento com ação antiparasitária, muito utilizado tanto na medicina humana quanto na veterinária.

A ivermectina foi descoberta na década de 1970 como um derivado da avermectina, um produto da fermentação pela bactéria Streptomyces avermitilis. Seus descobridores, William C. Campbell e Satoshi Uramura, ganharam o prêmio Nobel de Medicina em 2015.

O fármaco começou a ser comercializado em 1981 e atualmente faz parte da Lista de Medicamentos Essenciais da Organização Mundial de Saúde.

(PINHEIRO, 2022)

Por fim, a PXA:

A proxalutamida é um antagonista do receptor androgênico (AR) recentemente desenvolvido para o tratamento de pacientes resistentes à castração de câncer de próstata e agora entrou nos ensaios clínicos de Fase III[[3]](#footnote-3)

(QU ET AL, 2020)

A Proxalutamida possui um status diferente dos outros dois medicamentos, que já são comercializados e possuem registro na Anvisa. A PXA ainda não terminou todos as fases de testagem clínica para ser desse modo compreendida como um medicamento. Mas foi assim entendida neste projeto, devido a relação que o medicamento e as pesquisas sobre ele foram realizadas dentro do entendimento de Declaux (2006) e Whyte e Geest (2011), em que essa substância faz parte de uma relação que tem como objetivo curar ou ser parte da terapia indicada para algum adoecimento e que produz relações políticas e econômicas.

Por isso, essa última referência de uma definição da Proxalutamida adveio de uma referência a um outro trabalho citado por Cadegiani, Zimerman, Fonseca, et al. (2021) em um artigo que definia no que consiste a PXA. Como essa foi a única definição que encontrei, preferi deixar com esse referencial que é diferente dos utilizados na definição dos outros 2 medicamentos.

A PXA é um medicamento fabricado na China e foi testado no Brasil por estudos coordenados por Flavio Cadegiani, endocrinologista que tinha a hipótese de que homens calvos teriam maiores probabilidades de desenvolverem COVID grave e os andriogênicos, como a Proxalutamida teriam algum efeito no tratamento da COVID-19. No entanto, essa correlação é questionada pelos pares do médico, porque há uma outra chance das pessoas calvas serem mais velhas e por isso estarem no quadro de “risco” compreendido desde o começo da pandemia em que pessoas idosas teriam mais chances de desenvolver a COVID grave (GAMBA, RIGHETTI, 2021).

**Tabela 1 –** Cronologia de eventos importantes no uso de HCQ, IVT e PXA durante a pandemia de COVID-19

|  |  |
| --- | --- |
| **Período** | **Eventos relevantes** |
| ...1934-2003 | Uso do medicamento para Afecções reumáticas, Lúpus e Malária (BERTONI, 2021) |
| 2003-2019 | Pesquisas sobre o efeito do uso da HCQ em síndromes respiratórias agudas (SARS) (BERTONI, 2021) |
| Abril, Maio, Junho de 2020 | Novo protocolo do Ministério da Saúde sobre o tratamento de COVID indica o uso de HCQ (MINISTÉRIO DA SAÚDEa, 2020)  Itajaí começa a usar ivermectina (MARTINS, ROSA, 2020) |
| Julho, agosto, setembro de 2020 | Prevent Senior envia HCQ a pacientes atendidos virtualmente por médicos de seu quadro (OKUMURA, 2020)  Prefeito de Itajaí sugere aplicação de ozônio retal (BARAN, 2020) |
| Outubro, Novembro e Dezembro de 2020 | Laboratório Químico e Farmacêutico do Exército (LQFEX) tem 400 mil comprimidos de HCQ em estoque (TOLEDO, 2020)  Ex-presidentes e conselheiros do CFM cobram posicionamento do conselho (BOTALHO, 2021) |
| Janeiro, Fevereiro e Março de 2021 | OMS classifica HCQ como ineficaz ao tratamento de COVID (CORACCINI, 2021)  Apsen, fabricante de HCQ, e EMS, fabricante de HCQ e IVT recebem empréstimos do BNDES que passam de 150 milhões (JUNQUEIRA, 2021)  Desconfiança sobre falta de dados relativos à PXA e a propaganda do medicamento por Bolsonaro (BATISTA, 2021) |
| Abril, Maio e Junho de 2021 | RESOLUÇÃO CFM Nº 2.292, DE 29 DE ABRIL DE 2021 define como experimental o uso de HCQ inalatória (CONSELHO FEDERAL DE MEDICINA, 2021)  Universidade de Oxford investiga IVT para tratamento de COVID (SHANIMA, 2021) |
| Julho, agosto e setembro de 2021 | Nota técnica do Ministério da Saúde enviada à CPI do COVID diz que HCQ e cloroquina não devem ser utilizados para o tratamento de COVID (AGOSTINI, VARGAS, 2021)  Anvisa libera estudo com PXA (HALLAL, 2021)  Estudo de PXA é investigado no Ministério Público Federal, porque os locais de pesquisa em que ocorria o estudo não foram autorizados pelo Conselho Nacional de Ética em Pesquisa (BOTALLO, CANOFRE, 2021) |
| Outubro, Novembro e Dezembro de 2021 | Anvisa escreve parecer contraindicando HCQ, mas Ministério da Saúde não publica (LOPES, VARGAS, 2021)  OMS não recomenda IVT (COSTA, 2021)  A Unesco (Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura) investiga a possibilidade dos estudos de PXA no Brasil serem uma das maiores violações de direitos humanos da história da América Latina (COLLUCI, 2021) |
| Janeiro, fevereiro e março de 2022 | Nota técnica nº 2/2022 publicada em janeiro de 2022 pelo Ministério da Saúde e pela Secretaria de Ciência, Tecnologia, Inovação e Insumos Estratégicos em Saúde, nela há afirmações sobre a eficácia de HCQ e desconfianças sobre a vacina (MINISTÉRIO DA SAÚDE, SECRETARIA DE CIÊNCIA, TECNOLOGIA, INOVAÇÃO E INSUMOS ESTRATÉGICOS EM SAÚDE, 2022)  Secretário da Saúde usa estudo irregular para defender *kit covid* (LOPES, 2022) |
| Abril, Maio e Junho de 2022 | Convênio feito pelos governos estaduais concedem benefícios a HCQ até 2024 e não atualizam os dados a respeito de outros medicamentos mais indicados que esse (JUNQUEIRA, 2022)  Senador Luis Carlos Heinze (PP) defende o uso de PXA para COVID (NAKAMURA, 2022) |

Apenas observando o título de muitas dessas manchetes, vemos o quanto as controvérsias sobre esses medicamentos são notórias. Às vezes me deparava com manchetes com afirmações de órgãos públicos sobre a contraindicação do uso das mediações presentes no *tratamento precoce* e no mesmo mês publicaram-se documentos indicando o tratamento em fases diferentes do adoecimento. Como foi o caso da publicação da nota técnica em 2022 do Ministério da Saúde e da Secretaria de Ciência, Tecnologia, Inovação e Insumos Estratégicos em Saúde. Depois de diversas afirmações sobre a ineficácia desses medicamentos para COVID, há sempre uma proteção para determinados medicamentos.

As primeiras notícias associando a HCQ ao combate do COVID-19 datam de fevereiro de 2020 em que se afirma que um estudo chinês estava pesquisando o medicamento e que: “agente geralmente usado no combate à malária, mostrou-se eficaz contra o coronavírus” (FOLHA DE SÃO PAULOa, 2020).

No dia 18 de março de 2020, um evento foi noticiado em todas as bases dos jornais que realizei essa pesquisa. O então presidente dos Estados Unidos, Trump em um pronunciamento público (WATANABE, 2020) e posteriormente na sua rede social Twitter (SANCHES, 2020), escreveu:

HIDROXICLOROQUINA E AZITROMICINA, juntos, têm uma chance real de **transformar a história da medicina** (grifo meu). Espero que ambos sejam colocados em uso IMEDIATAMENTE. AS PESSOAS ESTÃO MORRENDO, MOVAM-SE RAPIDAMENTE E DEUS ABENÇOE A TODOS!

A expectativa da HCQ era de “transformar a história da medicina”, essa fala é muito importante, porque conseguimos compreender o papel que desde o início é atribuído à um medicamento e rapidamente associado a um desfecho relevante, não para a saúde, nem para a população, mas para a medicina.

No Brasil, ainda em março de 2020 a HCQ é esgotada nas farmácias, e pessoas que já faziam o uso do medicamento antes da pandemia encontram dificuldade para acessar o medicamento. No dia 20 de março daquele ano, o Conselho Federal de Medicina encaminhou um ofício à Anvisa, que não se encontra mais disponível no website do Conselho, solicitando a necessidade de prescrição médica para a compra da HCQ e cloroquina, além de estender o prazo da validade das prescrições para 90 dias (CONSELHO FEDERAL DE MEDICINA, 2020). Afinal, muitas pessoas que faziam o uso recorrente do medicamento com outras finalidades passaram a ter dificuldade de encontrar em estoque os medicamentos nas farmácias. Por isso, a Agência Nacional de Vigilância Sanitária - Anvisa por meio da Resolução de Diretoria Colegiada RDC Nº 351 enquadrou a Cloroquina dentro de uma lista de substâncias que precisaria de Receita de Controle Especial. Isso significa que as substâncias enquadradas nesta lista precisam ser submetidas a critérios mais rígidos e específicos para a sua circulação (CASTRO, 2012). Em poucas palavras, para comprar o medicamento, as pessoas precisavam de prescrição médica.

Até esse momento, temos a relação de alguns órgãos importantes e que tomam decisões sobre o uso dos medicamentos no Brasil: CFM e Anvisa. Por um lado, um órgão de regulamentação de uma profissão que faz prescrições de medicamentos e por outro um órgão que fiscaliza o uso dessas medicações e tem o poder de criar uma barreira para o acesso à HCQ. Esses órgãos serão apresentados na próxima seção deste projeto, mas é importante demarcar onde eles estão circunscritos, ainda que de modo inicial.

No dia 21 de março de 2020, o atual presidente do Brasil se pronunciou publicamente depois de ter reunião com o ministro da Defesa, possibilitando que o Laboratório Químico e Farmacêutico do Exército aumentasse a produção do medicamento (UOL, 2020). Desde então, o presidente fez diversos pronunciamentos apoiando o uso da Hidroxicloroquina para o combate do COVID-19. Nesse primeiro semestre de 2020, ele chegou a se pronunciar na reunião do G-20 (COLETTA, 2020) sobre o medicamento, pediu desbloqueio de insumos para a produção de mais medicamento (CNN, 2020), ou ainda quando teve o diagnóstico positivo para o COVID e iniciou o tratamento com hidroxicloroquina antes do resultado do exame (VENAGLIA, 2020).

Essa situação em específico me fez refletir sobre três pontos importantes: 1 – Como medicamentos aparecem enquanto resposta à uma situação limite (como a pandemia); 2 – As controvérsias que aparecem nos discursos de agentes relevantes no processo de socialização de um medicamento; 3 – Há uma fragmentação recorrente na forma de governar o Brasil que coloca exatamente as controvérsias como operação típica de agentes e órgãos públicos que regulamentam e legislam sobre o acesso a medicamentos. Dessa forma, seguirei nos próximos parágrafos mostrando mais sobre esses três pontos.

Sendo assim um representante político, portanto uma figura pública como o Presidente da República se utiliza de seu próprio adoecimento para indicar o uso de um medicamento de uma forma empírica, aqui mais no sentido da experiência em si. Isso não apenas demonstra o já claro posicionamento desse agente, mas bem como determina o uso de políticas públicas em benefício deste projeto de tratamento. Blanco, Koch, Prates (2021) e Pimentel (2020), reflete exatamente sobre as políticas que incentivam o uso de HCQ. Blanco, Koch, Prates (2021) escrevem sobre as destituições de cargos dos ministros da saúde durante a pandemia e o quanto isso tinha relação com o posicionamento desejável do Presidente. A indicação de um *tratamento precoce* era tão desejável, que os ministros que discordavam dessa indicação e como consequência saíam de seus respectivos cargos.

Já Pimentel (2020) ajuda a refletir sobre as controvérsias que fazem a cloroquina circular no Brasil, incluindo as menções às falas do Presidente, mas para além disso. As controvérsias aparecem em manchetes de jornal, elas revelam a própria fragmentação de ideias, agentes e formulações de protocolos de tratamento. Cada agente, órgão estatal e seus representantes agiu como se tivessem poderes decisórios distintos, extrapolaram suas competências, principalmente aqueles órgãos políticos, que seus representantes são eleitos e que seus cargos não são técnicos, tais como a Anvisa, por exemplo. Um presidente organiza a produção de um medicamento, o que também não é novo, como ocorreu com a Fosfoetanolamina sancionada pela então presidente Dilma pela lei número 13.269, de 13 de abril de 2016[[4]](#footnote-4). É possível perceber que diante situações limites, as quais uma ameaça grande de morte surge promessas de soluções tão ágeis e que recorrentemente pedem urgências nas tomadas de decisões de todos os agentes possíveis, mas não são quaisquer agentes, são aqueles que tem poder decisório.

E por fim, há um outro ponto interessante que Pimentel (2020) leva em consideração e que é relevante para essa proposta de pesquisa também e que diz respeito à forma como os medicamentos podem simbolizar a cura (ou melhor, como as pessoas objetificam a cura através dos medicamentos) e como a própria produção de cloroquina envolveu experimentos em “fazendeiros peruanos, pacientes psiquiátricos, prisioneiros de campo de concentração, presidiários e estudantes de medicina”. Segundo a autora os medicamentos possuem uma propriedade tecnopolítica que tem muita conexão com o controle dos corpos que fazem uso dessas substâncias e por isso provocam efeitos diversos e concretos sobre o processo saúde-doença.

Dessa forma, temos três marcos somente até esse momento que apresentam os motivos e a forma pela qual os medicamentos presentes no *tratamento precoce* conseguem se atualizar em discussões e são remanejados dentro de políticas públicas, permanecendo em pauta por tanto tempo após a pandemia e com diversos estudos se atentando ao fato de que essas medicações não possuem eficácia ao tratamento de COVID-19. Por isso, na dimensão midiática temos diversas percepções que nos ajudam a perceber como mesmo sem comprovação científica essas medicações continuam a ser prescritas e propagandeadas. Nesse propósito, entram agentes públicos e estatais que reafirmam sobre uma eficácia experimental, o qual seus corpos são instrumentos, suas falas são veículos de aprovação e os vídeos e notícias publicadas são ferramentas essenciais nesse processo. Desse modo, passo a discussão para uma outra instância que é o debate científico em torno desses medicamentos.

**Conclusão**

Concluindo, esses últimos dois anos de pesquisa documental e análise de notícias sobre o tratamento precoce, mostraram que muitas relações estão em jogo quando estamos em um contexto de pandemia, onde demandam-se respostas urgentes a partir de situações precárias (CASTRO, 2020). Medicamentos podem fazer parte de projetos políticos, interesses mercadológicos de indústrias farmacêuticas, pautas dentro de lógicas neoliberais em que algumas vidas interessam mais do que outras. Epidemias podem mostrar também ou deixar mais escancarado o quanto essa forma de viver já faz parte de um contexto sofrimento e portanto, pesquisar, refletir e investigar esses espaços é mais do que essencial, é também uma forma de lutar para que essas histórias sejam registradas. Desse modo, percebemos que muitas outras histórias após esse momento terão essa base de agora para refletir e problematizar também quando “balas mágicas” ou saídas supostamente rápidas possam tão prontamente aparecerem dentro de contextos emergenciais e críticos de vida.

**Referências**

ANDRADE, Hanrrikson, PREITE SOBRINHO, Wanderley. Covid-19: "Teste de remédio in vitro não significa que funciona em humano". **UOL Notícias.** 15 abril. 2020. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/saude/ultimas-noticias/redacao/2020/04/15/covid-19-teste-de-remedio-in-vitro-nao-significa-que-funciona-em-humano.htm?cmpid=copiaecola>. Acessado em: 24 Abril de 2022.

AGOSTINI, Renata. TCU aponta irregularidade em uso de dinheiro público com cloroquina. **CNN Brasil**. 26 jan. 2021. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/saude/tcu-aponta-irregularidade-em-uso-de-dinheiro-publico-com-cloroquina/>. Acessado em: 20 abril 2022.

AZIZE, Rogério Lopes. Notas de um "não-prescritor": uma etnografia entre estandes da indústria farmacêutica no Congresso Brasileiro de Psiquiatria. In: TORNQUIST, C.S; MALUF, S. W.(Orgs.). Gênero, saúde e aflição: abordagens antropológicas. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2010a. p. 367-401

BARAN, Katna. Prefeito de Itajaí sugere aplicação retal de ozônio para Covid-19 apesar da falta de comprovação. 4 ago. 2020. **Folha de São Paulo**. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2020/08/prefeito-de-itajai-sugere-aplicacao-retal-de-ozonio-para-covid-19-apesar-da-falta-de-comprovacao.shtml>. Acessado em: 20 abril. 2022.

BATISTA, Everton Lopes. Falta de dados gera desconfiança sobre proxalutamida, remédio apoiado por bolsonaristas contra Covid. **Folha de São Paulo**. 22 mar. 2022. <https://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2021/03/falta-de-dados-gera-desconfianca-sobre-proxalutamida-remedio-apoiado-por-bolsonaristas-contra-covid.shtml>. Acessado em: 20 abril 2022.

BERTONI, Estêvão. Qual a cronologia científica da cloroquina na pandemia. **Nexo Jornal**. 24 maio 2021. Disponível em: <https://www.nexojornal.com.br/expresso/2021/05/24/Qual-a-cronologia-cient%C3%ADfica-da-cloroquina-na-pandemia>. Acessado em: 14 junho 2022.

BLANCO, Gabriela Dias, KOCH, Eleandra Raquel da Silva, PRATES, Camila Dellagnese. Facing the Pandemic in Brazil: controversies surrounding “early treatment” and vaccination. Dossier COVID-19 in Brazil. **Vibrant** v.19. p. 1 – 23. 2021.

BOTALHO, Ana. Ex-presidentes e conselheiros do CFM pedem a órgão posicionamento na pandemia. **Folha de São Paulo**. 15 jan. 2021. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2021/01/ex-presidentes-e-conselheiros-do-cfm-pedem-a-orgao-posicionamento-na-pandemia.shtml>. Acessado em: 20 abril 2022.

CAETANO, Hellen Monique dos Santos. **“Com mais técnica, com mais ciência”**: Controvérsias em torno dos procedimentos regulatórios e científicos com cannabis no Brasil. Dissertação [Mestrado e Antropologia Social]. Maceió: UFAL, 2021. 165p.

CADEGIANI, F A, ZIMERMAN, R A, FONSECA, D N, et al. Final Results of a Randomized, Placebo-Controlled, Two-Arm, Parallel Clinical Trial of Proxalutamide for Hospitalized COVID-19 Patients: A Multiregional, Joint Analysis of the Proxa-Rescue AndroCoV Trial. **Cureus** 13(12): e20691. December 25, 2021. doi:10.7759/cureus.20691

CARMICHAEL, S. J, CHARLES, B., TETT, S. E. Population pharmacokinetics of hydroxychloroquine in patients with rheumatoid arthritis. **Ther Drug Monit**. 2003; 25(6): 671–81.

CASTRO, Rosana. **No fiel da balança**: uma etnografia da regulamentação sanitária de medicamentos para emagrecer. Dissertação (mestrado) — Universidade de Brasília, Instituto de Ciências Sociais, Departamento de Antropologia, Programa de Pós-graduação em Antropologia Social, 2012.

CASTRO, Rosana, ALMEIDA, Rafael Antunes. Testemunho, evidência e risco: reflexões sobre o caso da fosfoetanolamina sintética. **Anuário Antropológico**, Brasília, UnB, 2017, v. 42, n. 1: 37-60. 2017.

CASTRO, Rosana. **Economias políticas da doença e da saúde**: uma etnografia da experimentação terapêutica. 1ª Edição. São Paulo: Hucitec. 2020

CASTRO, Rosana. Mesmo sem comprovação científica...:Políticas de liberação da cloroquina. **DILEMAS: Revista de Estudos de Conflito e Controle Social**. 2021.

CASTRO, Rosana. Pele negra, jalecos brancos: racismo, cor(po) e (est)ética no trabalho de campo antropológico. **Revista de Antropologia**, São Paulo, v. 65, n. 1, e192796, 2022. ISSN: 1678-9857. DOI: https://doi.org/10.11606/1678-9857.ra.2022.192796. Disponível em: https://www.revistas.usp.br/ra/article/view/192796. Acesso em: 15 jun. 2022

CORACCINI, Raphael. OMS: Hidroxicloroquina não funciona contra Covid-19 e pode causar efeito adverso. **CNN Brasil**. 2 mar. 2021. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/saude/oms-cloroquina-nao-funciona-contra-a-covid-19-e-pode-causar-efeitos-adversos/>. Acessado em: 20 abril 2022.

CONSELHO FEDERAL DE MEDICINA. Resolução CFM Nº 2.292, de 29 de Abril de 2021. Estabelece que a administração de hidroxicloroquina e cloroquina em apresentação inalatória é procedimento experimental, só podendo ser utilizada por meio de protocolos de pesquisa aprovados pelo sistema CEP/CONEP. **Lex**: Diário Oficial da União, Brasil, Edição: 89, Seção: 1, p. 411, 13 maio 2021. Legislação Federal.

CONSELHO FEDERAL DE MEDICINA. CFM pede para Anvisa estender o prazo de validade de receitas médicas de uso controlado em até 90 dias. 20 mar. 2020. Disponível em: <https://portal.cfm.org.br/noticias/cfm-pede-para-anvisa-estender-o-prazo-de-validade-de-receitas-medicas-de-uso-controlado-em-ate-90-dias/>. Acessado em: 21 abril 2022.

CONSELHO NACIONAL DE SAÚDE. Conep/CNS pede que Procuradoria Geral investigue 200 mortes em estudo irregular com proxalutamida para tratar Covid-19. **Notícias Conselho Nacional de Saúde.** 21 set. 2021. Disponível em: <http://conselho.saude.gov.br/ultimas-noticias-cns/2033-conep-cns-pede-que-procuradoria-geral-investigue-200-mortes-em-estudo-irregular-com-proxalutamida-para-tratar-covid-19>. Acesso em: 21 abril 2022.

COSTA, Anna Gabriela. Covid-19: o que a ciência já descartou no tratamento da doença. **CNN Brasil**. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/saude/covid-19-o-que-a-ciencia-ja-descartou-no-tratamento-da-doenca/>. Acessado em: 20 abril 2022

Debate eleições. **Jornal Nacional**. Rio de Janeiro: Rede Globo, 22 ago. 2022. Programa de Televisão.

DESCLAUX, Alice. O medicamento, um objeto de futuro na antropologia da saúde. **Revista Mediações**, v. 11, n. 2, p. 113–130, 2006.

FLEISCHER, Soraya. Fé na ciência? Como as famílias de micro viram a ciência do vírus Zika acontecer em suas crianças no Recife/PEFaith in science? How families saw the science of the Zika virus happen to their children in Recife/PE. **ANUÁRIO ANTROPOLÓGICO**, v. 1, p. 170-188, 2022.

FOLHA DE SÃO PAULOc. Enfermeiro distorce dados para dizer que ivermectina evita mortes pela Covid-19. 20 ago. 2020. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2020/08/enfermeiro-distorce-dados-para-dizer-que-ivermectina-evita-mortes-pela-covid-19.shtml>. Acessado em: 20 abril 2022.

FREITAS, G. ; FLEISCHER, S. . A epidemia do vírus Zika nas Ciências Sociais no Brasil: Um estudo bibliográfico (2016-2018). **TOMO (UFS)**, v. 38, p. 309-338, 2021.

GAMBA, Estêvão, RIGHETTI, Sabine. Só o Brasil e fabricante chinesa da proxalutamida apostam no remédio contra a Covid-19. **Folha de São Paulo**. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2021/08/so-o-brasil-e-fabricante-chinesa-da-proxalutamida-apostam-no-remedio-contra-a-covid-19.shtml>. Acessado em: 20 abril 2022.

GEEST, Sjaak Van Der. WHYTE, Susan Reynolds. O encanto dos medicamentos: metáforas e metonímias. **Sociedade e Cultura**. Volume 14, número 2. Goiânia. P. 457-472. Jul./dez. 2011.

HALLAL, Mariana. Anvisa autoriza estudo clínico com proxalutamida no tratamento da covid-19. **Estadão**. 19 jul. 2021. Disponível em: <https://saude.estadao.com.br/noticias/geral,anvisa-autoriza-estudo-clinico-com-proxalutamida-no-tratamento-da-covid-19,70003782945>. Acessado em: 20 abril 2022.

JUNQUEIRA, Diego. Governos mantêm isenção fiscal a cloroquina e não concedem benefícios a remédios eficazes contra Covid. **Folha de São Paulo**. 25 abr. 2022. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2022/04/governos-mantem-isencao-fiscal-a-cloroquina-e-nao-concedem-beneficios-a-remedios-eficazes-contra-covid.shtml>. Acessado em 25 abril 2022.

JUNQUEIRA, Diego. Maior fabricante de hidroxicloroquina, Apsen recebeu R$ 20 milhões do BNDES em 2020. **Folha de São Paulo**. 4 março 2021. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2021/03/maior-fabricante-de-hidroxicloroquina-apsen-recebeu-r-20-milhoes-do-bndes-em-2020.shtml>. Acessado em: 20 abril 2022.

LOPES, Raquel. Conitec rejeita uso de medicamentos do “kit covid” em diretriz para não internados. **CNN Brasil**. 8 dez. 2021. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/saude/conitec-rejeita-uso-de-medicamentos-do-kit-covid-em-diretriz-para-nao-internados/>. Acessado em: 20 abril 2022.

MARTINS, Flávia. ROSA, Talita. Itajaí usará remédio sem comprovação científica como prevenção ao coronavírus. **CNN**. 07 jul. 2020. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/itajai-usara-antiparasitario-sem-comprovacao-como-prevencao-ao-coronavirus/>. Acessado em: 20 abril 2022.

MEDELEY. **BULA:** Sulfato de Hidroxicloroquina | 400mg, caixa com 30 comprimidos revestidos | Hidroxicloroquina. Disponível em: <https://www.medley.com.br/medicamentos/sulfato-de-hidroxicloroquina/bula>. Acessado em: 27 mar. 2022.

MINISTÉRIO DA SAÚDEa. Resolução - RDC Nº 351, de 20 de março de 2020. Dispõe sobre a atualização do Anexo I (Listas de Substâncias Entorpecentes, Psicotrópicas, Precursoras e Outras sob Controle Especial) da Portaria SVS/MS nº 344, de 12 de maio de 1998, e dá outras providências. **Lex**: D.O.U. de 20/03/2020, p. 5 - Edição Extra – G. Legislação Federal.

NAKAMURA, Pedro. Em sabatina, Heinze defende tratamento precoce e proxalutamida. **Matinal**. 14 junho 2022. Disponível em: [https://www.matinaljornalismo.com.br/matinal/reportagem-matinal/sabatina-heinze-tratamento-precoce-proxalutamida/](https://www.matinaljornalismo.com.br/matinal/reportagem-matinal/sabatina-heinze-tratamento-precoce-proxalutamida/?login=success&utm_source=Matinal&utm_medium=email&utm_source=Assinantes&utm_campaign=02dc5fa6b3-EMAIL_CAMPAIGN_2022_06_14_10_05_COPY_01&utm_medium=email&utm_term=0_8af61dd439-02dc5fa6b3-406406439&mc_cid=02dc5fa6b3&mc_eid=cd2888379d). Acessado em: 17 jun. 2022.

OKUMURA, Renata. Sem fazer teste, Prevent Senior manda “Kit Covid” com hidroxicloroquina pelo correio para paciente. **Estadão**. 14 ago. 2020. Disponível em: <https://saude.estadao.com.br/noticias/geral,apos-diagnostico-clinico-pela-internet-prevent-senior-manda-kit-covid-pelo-correio-para-paciente,70003399711>. Acessado em: 20 Abril 2022.

PINHEIRO, Pedro. **BULA**: Ivermectina. MDSaúde. Disponível em: <https://www.mdsaude.com/bulas/ivermectina/>. Acessado em: 20 abril 2022.

QU F, GU Y, WANG Q, HE M, ZHOU F, SUN J, WANG G, PENG Y. Metabolomic profiling to evaluate the efficacy of proxalutamide, a novel androgen receptor antagonist, in prostate cancer cells. **Invest New Drugs**. 2020 Oct. 38 (5), p. 1292-1302. 1 Feb. 2020

TOLEDO, Luiz Fernando. Sem demanda, 400 mil comprimidos de cloroquina ficam em estoque no Exército. **CNN Brasil**. 16 nov. 2020. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/sem-demanda-nos-estados-400-mil-comprimidos-de-cloroquina-encalham-no-exercito/>. Acessado em: 20 abril 2022.

SHANIMA, A. Universidade de Oxford testa ivermectina como possível tratamento para Covid-19. **CNN Brasil**. 23 jun. 2021. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/saude/universidade-de-oxford-testa-ivermectina-como-possivel-tratamento-para-covid-19/>. Acessado em: 20 abril 2022.

VARGAS, Mateus, LOPES, Raquel, CHAIB, Julia. Saúde barra diretriz que contraindica kit Covid. **Folha de São Paulo**. 21 jan. 2022. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2022/01/saude-barra-diretriz-que-contraindica-kit-covid.shtml>. Acessado em: 20 Abril 2022.

VIANNA, Adriana. Etnografando documentos: uma antropóloga em meio a processos judiciais. In: Castilho, S., Souza Lima, A., Teixeira, C. (ed.). **Antropologia das Práticas do Poder: reflexões etnográficas entre burocratas, elites e corporações***.* Rio de Janeiro: ContraCapa; FAPERJ, 2014, p. 43-70.

WATANABE, Phillipe. Trump diz que hidroxicloroquina, droga para malária, pode ser testada contra coronavirus. **Folha de São Paulo**. 19 mar. 2020. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2020/03/trump-diz-que-hidroxicloroquina-remedio-para-malaria-pode-ser-testado-contra-coronavirus.shtml>. Acessado em: 21 Abril 2022.

1. Trabalho apresentado na 33ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 28 de agosto a 03 de setembro de 2022. [↑](#footnote-ref-1)
2. Agradeço à professora Rosana de Castro (IMS/UFRJ) que estava em minha banca de qualificação e generosamente sugeriu que utilizasse esse termo que até aquela época utilizava apenas como cronologia dos medicamentos. [↑](#footnote-ref-2)
3. Texto original: “Proxalutamide is a newly developed androgen receptor (AR) antagonist for the treatment of castration-resistant prostate cancer and has now entered Phase III clinical trials.” [↑](#footnote-ref-3)
4. Fosfoetanolamina foi uma substância que prometia curar o câncer, mas também teve uma série de dificuldades para se enquadrar como um medicamento comprovado cientificamente para este propósito de tratamento e foi comprado de que não serviria para este fim. Castro e Almeida (2017) escrevem melhor sobre as controvérsias envolvendo a discussão dessa substância. [↑](#footnote-ref-4)